

## **CONCEÇÕES DE JOVENS SOBRE O FUNCIONAMENTO POSITIVO DE ADULTOS DE MEIA IDADE E IDOSOS**

**Maria João Carapeto**

Universidade de Evora, Escola de Ciências Sociais, Departamento de Psicologia mjoacarapeto@gmail.com

**Lúisa Grácio**

CIEP-UE - Centro de Investigação em Educação e Psicologia - Universidade de Évora, Portugal

Universidade de Evora, Escola de Ciências Sociais, Departamento de Psicologia

mlg@uevora.pt

**Heldemerina Pires**

CIEP-UE - Centro de Investigação em Educação e Psicologia - Universidade de Évora, Portugal

Universidade de Evora, Escola de Ciências Sociais, Departamento de Psicologia

hsp@uevora.pt

*Recepción Artículo: 27 octubre 2021*

*Admisión Evaluación: 27 octubre 2021*

*Informe Evaluador 1: 28 octubre 2021*

*Informe Evaluador 2: 29 octubre 2021*

*Aprobación Publicación: 30 octubre 2021*

### **RESUMO**

O funcionamento positivo na meia idade e nos idosos tem sido associado a um conjunto de características e processos desenvolvimentais. Na meia idade, a adaptação psicológica foi associada à generatividade ou ao alcançar e manter um nível profissional satisfatório, enquanto nos idosos tem sido conotada com a aceitação e reflexão positiva sobre a vida passada e presente ou com o envelhecimento ativo. O funcionamento positivo tem sido também concetualizado em termos do bem-estar subjetivo (afetos positivos, satisfação com a vida), psicológico (autoaceitação, relações positivas com os outros, autonomia, domínio do ambiente, propósito na vida, crescimento pessoal) e social (coerência, atualização, integração aceitação e contribuição sociais). Diferentes autores sublinham também diferenças sociais, socioeconómicas e culturais na adaptação psicossocial. No entanto, pouco se sabe sobre as conceções pessoais das pessoas mais jovens sobre o funcionamento positivo dos mais velhos. Assim, o objetivo principal deste estudo foi explorar e comparar os critérios de funcionamento positivo das pessoas de meia idade e idosos, do ponto de vista dos jovens. Uma amostra de estudantes universitários respondeu a um questionário, indicando características do funcionamento positivo de quatro pessoas conhecidas (duas de meia idade e duas idosas) das suas comunidades. Foram gerados 434 descritores de 55 pessoas de meia idade e de 52 idosos e efetuada uma análise de conteúdo considerando categorias teóricas de bem-estar subjetivo, psicológico e social. Procedeu-se depois a análise qualitativa e quantitativa. Os descritores relacionados com o bem-estar psicológico foram mais frequentes que os do bem-estar subjetivo, nas duas etapas da vida. Não se registaram diferenças entre meia idade e idosos quanto à frequência das categorias de bem-estar psico-

## CONCEÇÕES DE JOVENS SOBRE O FUNCIONAMENTO POSITIVO DE ADULTOS DE MEIA IDADE E IDOSOS

lógico, mas algumas categorias do bem-estar subjetivo foram mais referidas numa das etapas. Os participantes não usaram descritores de bem-estar social. Os resultados são discutidos no contexto da literatura sobre o tema.

**Palavras chave:** desenvolvimento do adulto; envelhecimento; bem-estar; concepções leigas; estudantes universitários

### ABSTRACT

**Conceptions about the positive functioning of middle-aged and elderly adults.** Positive functioning in middle age and the elderly has been associated with a set of developmental characteristics and processes. In middle age, psychological adaptation was associated with generativity or reaching or maintaining professional satisfaction, while in the elderly it has been associated with acceptance and positive reflection on past and present life or active aging. Positive functioning has also been conceptualized in terms of subjective (positive affect, life satisfaction), psychological (self-acceptance, positive relationships, autonomy, environmental mastery, purpose in life, personal growth) and social (integration, contribution, coherence, actualization, acceptance) well-being. Authors also highlight social, socioeconomic and cultural differences in psychosocial adaptation. However, little is known about the personal conceptions of young people about the positive functioning of older people. Thus, the main objective of this study was to explore and compare the criteria of positive functioning of middle-aged and elderly people, from the perspective of young people. A sample of university students answered a questionnaire, indicating characteristics of the positive functioning of four acquaintance persons (two middle-aged and two elderly) from their communities. A total of 434 descriptors of 55 middle-aged and 52 elderly people were generated and a content analysis was carried out considering theoretical categories of subjective, psychological and social well-being. A qualitative and quantitative analysis was then performed. Descriptors related to psychological well-being were more frequent than those related to subjective well-being, in both stages of life. There were no differences between middle age and elderly in terms of frequency of psychological well-being categories, but some subjective well-being categories were more frequently mentioned in one of the stages. Participants did not use social well-being descriptors. The results are discussed in the context of the literature on the subject.

**Keywords:** adult development; aging; well-being; lay conceptions; university students.

### INTRODUÇÃO

O funcionamento positivo na meia idade e nos idosos tem sido conceitualizado de formas distintas. A abordagem da psicologia do desenvolvimento ao longo da vida tem sublinhado a centralidade das tarefas de desenvolvimento (Havighurst, 1948) ou crises (Erikson, 1959) que a sociedade vai sucessivamente propondo aos indivíduos, e que são distintas em cada etapa da vida. Lidando bem com estas tarefas as pessoas acederão a felicidade e satisfação com a vida e ficarão mais bem preparadas para lidar com as tarefas e crises das etapas posteriores do desenvolvimento. Na meia idade (30 a 60 anos), é esperado que a pessoa resolva a crise da generatividade vs. estagnação, afigurando-se a preocupação e compromisso do adulto em promover o desenvolvimento e o bem-estar das gerações futuras como a solução mais adaptativa (Erikson, 1959; McAdams, 2006). Outras tarefas, na meia idade, incluem assumir responsabilidades e promover a felicidade dos filhos, alcançar e manter um nível profissional satisfatório, relacionar-se com o esposo/a enquanto pessoa, ou aceitar e ajustar-se às mudanças fisiológicas. Dos idosos, espera-se que enfrentem a crise de integridade vs. desespero (Erikson, 1959), com aceitação e reflexão positiva sobre a vida passada e presente, bem como se adaptem, por exemplo, a uma força física e saúde em declínio, à reforma e à morte do esposo/a (Havighurst, 1948). No âmbito mais alargado das ciências sociais, o envelhecimento ativo tem sido indicado como forma de os mais velhos viverem uma vida bem vivida (e.g., Cabral et al., 2013).

Outros contributos vêm dos diferentes modelos de bem-estar, que descrevem diferentes aspetos da vida psicológica envolvidos na experiência de bem-estar. O conceito de bem-estar subjetivo (BES) (Diener, 2000), por exemplo, valoriza o ponto de vista hedónico do indivíduo e inclui a satisfação com a vida (global ou em relação a diferentes dimensões da vida), o predomínio de afetividade positiva e reduzida afetividade negativa. Por outro

lado, o bem-estar psicológico (BEP) remete para a experiência intrapessoal de bem-estar da pessoa para consigo mesma, compreendendo dimensões como a autoaceitação, relações positivas com os outros, autonomia, domínio do ambiente, propósito na vida e crescimento pessoal (Ryff, 1989). O bem-estar social (BESo), interessa-se pelo funcionamento e a adaptação da pessoa no contexto da sociedade, considerando a integração social, contribuição social, atualização social, coerência social e aceitação social (Keyes, 1998). BEP e BPSo são dois conceitos distintos mas relacionados, tendo Keyes et al. (2002) concluído que o bem-estar ótimo (valores elevados nos dois tipos de bem-estar) aumenta com a idade e que os adultos mais jovens são quem apresenta maior bem-estar psicológico que social. As pessoas de meia idade apresentam níveis mais elevados de propósito na vida e crescimento pessoal do que os idosos, mas não nas outras dimensões do BEP (Ryff, 1989).

Hoje em dia é consensual que as tarefas de desenvolvimento e as competências que as pessoas precisam de desenvolver para uma vida adaptativa são também diferentes em diferentes momentos históricos e em diferentes sociedades e culturas (Masten & Tellegen, 2012; Karasawa et al., 2017). Além disso, há um interesse em compreender até que ponto as tarefas de desenvolvimento (Erikson, 1959; Havighurst, 1948) e as dimensões teóricas do bem-estar (Diener, 2000; Keyes, 1998; Ryff, 1989) coincidem, ou não, com as concepções leigas sobre o funcionamento positivo de adultos de meia idade e idosos.

Alguns estudos têm procurado esclarecer as concepções dos adultos, nas suas próprias palavras, sobre o bem-estar em geral e/ou o seu próprio bem-estar (Carlquist et al., 2017; Douma et al., 2017; Sastre, 1999; Westerhof et al., 2001). Sastre (1999), por exemplo, verificou que a família, o corpo, e a aceitação de si mesmo e das suas circunstâncias, eram temas típicos das definições de bem-estar de franceses de todas as idades. Douma et al. (2017) verificaram que a vida social, atividades, saúde e espaço e lugares foram os domínios mais mencionados por idosos holandeses para descrever o seu bem-estar. Num estudo com alemães sobre o seu próprio bem-estar, os idosos referiram mais aspetos relacionados com a saúde e o funcionamento do que as pessoas de meia idade, e menos aspetos do domínio intrapessoal; as relações interpessoais foram igualmente mencionadas nas duas etapas (Westerhof et al., 2001).

Todavia, são escassos os estudos das concepções sobre o funcionamento positivo dos outros, apesar do seu papel crucial enquanto agentes de proximidade das expectativas sociais sobre o comportamento adaptativo em cada etapa do desenvolvimento (Masten & Tellegen, 2012). Durbrow et al. (2001) estudaram os critérios de competência de crianças e adolescentes tal como vistos por mães de comunidades pobres. Sastre (1999) verificou que os fatores com maior impacto nos julgamentos de pessoas de diferentes idades sobre o bem-estar de outros (adultos) foram a saúde, harmonia com o cônjuge e com os filhos, autoaceitação, relações positivas, propósito na vida e crescimento pessoal, e colocou a hipótese da “coexistence in one and the same person of multiple conceptions of well-being” (1999, p. 223), específicas para fases da vida diferentes. Do nosso conhecimento, pouco se sabe sobre as concepções pessoais das pessoas mais jovens sobre o funcionamento positivo das mais velhas e sua possível diferenciação em função de diferentes etapas da vida.

## OBJETIVOS DA INVESTIGAÇÃO

Explorar e comparar os critérios de funcionamento positivo das pessoas de meia idade e idosos, do ponto de vista dos jovens.

## METODOLOGIA

### Participantes

Participaram 28 estudantes de 1º ano da Universidade de Évora, dos 18 e aos 25 anos de idade,  $M = 19.57$ ,  $DP = 1.83$ , 23 raparigas e 5 rapazes.

### Instrumento

Foi elaborado um questionário baseado na entrevista *Criteria of Child Competence Interview* (Durbrow et al.,

## CONCEÇÕES DE JOVENS SOBRE O FUNCIONAMENTO POSITIVO DE ADULTOS DE MEIA IDADE E IDOSOS

2001). Solicitou-se aos participantes que pensassem numa pessoa concreta sua conhecida que se encontrasse na meia idade e que estivesse a viver bem essa etapa da sua vida. Foram depois instruídos para registar, numa folha preparada para o efeito, a idade e género dessa pessoa bem como 3-4 características que indicassem que a pessoa estava de facto a viver bem essa etapa da sua vida. O processo foi depois repetido para outra pessoa, também de meia idade, mas do outro género. O procedimento repetiu-se para obter descritores de duas pessoas idosas. Cada participante forneceu assim um conjunto de descritores de duas pessoas de meia idade de géneros diferentes e, de modo idêntico, de duas pessoas idosas (recolheram-se também descritores sobre adolescentes e jovens adultos, que estão fora do âmbito deste trabalho).

### Procedimentos

Obtido o consentimento informado dos participantes, o questionário foi aplicado na primeira aula de uma unidade curricular de psicologia do desenvolvimento. As instruções foram sendo proferidas em voz alta dando tempo aos participantes para registar a sua resposta a cada passo.

Procedeu-se à análise de conteúdo das respostas (Bardin, 2008):

(a) Pre-análise: foi atribuído um código de identificação a cada participante e os descritores foram transcritos e reunidos num ficheiro (organizados por participante, e etapa do desenvolvimento e género da pessoa de referência). Duas das autoras procederam, de modo independente, à sua leitura prévia, e concordaram depois pela viabilidade da utilização de categorias de análise de conteúdo relativas às três perspetivas teóricas do bem-estar (BES, BEP e BESo) e acerca da delimitação das unidades de registo.

(b) Exploração do material: tendo em consideração as categorias de bem-estar, as unidades de registo (descritores) foram codificados, de modo independente, pelas mesmas duas autoras, de acordo com os critérios de exclusão e relevância mútua. Foi gerada uma grelha de análise de conteúdo baseada no acordo entre as avaliadoras, e concluída a construção do sistema de categorias (Tabela 1). As categorias relativas a afetividade negativa (BES) e ao BESo não registaram ocorrências pelo que foram excluídas.

(c) Análise quantitativa: com a ajuda do IBM SPSS (versão 24.0), foram calculadas as frequências dos descritores em cada categoria e suas estatísticas descritivas bem como realizados testes não paramétricos (Wilcoxon) para comparar as frequências das categorias nas duas etapas do desenvolvimento em estudo e do BES com o BES.

*Tabela 1*  
*Categorias de análise de conteúdo: definição e exemplos*

	<b>Categorias / Subcategorias / Critérios</b>	<b>Exemplos <sup>a</sup></b>	
<b>BES</b>	Satisfação com a vida	Avaliação que a pessoa faz da sua vida ou de dimensões específicas dela: 1.1. Felicidade Estado geral de felicidade e bem-estar com a vida. 1.2. Trabalho Satisfação com o trabalho. 1.3. Material Recursos e/ou estabilidade financeira. Outros recursos materiais. 1.4. Saúde Condição geral de saúde, incluindo	MI.4 - “Gosta de viver” Id.24 - “Feliz” MI.18 - “trabalha no que gosta” Id.8 - “feliz com o trabalho” MI.9 - “bom salário”; MI.9 - “casa”; Id.20 - “estabilidade financeira” MI.21- “tem saúde”; ID.7 - “boa capacidade

	função cognitiva, motora, etc.. Estilo de vida. 1.5.Estabilidade Previsibilidade na vida.  1.6.Atividades/ocupações Realização de outras atividades, que não o trabalho, e satisfação.  1.7.Família e amigos Referência a familiares ou amigos como aquisição.	cognitiva”; ID.14 – “pessoa cheia de vitalidade ID.20 – “estabilidade”; MI.26 – “vida estavel e organizada. MI.12 – “pratica de desporto”; ID.10 – “faz caminhadas”  MI.11 – “tem familia constituída”; ID.9 – “netos”; ID.20 – “amigos” MI3 – “estabilidade emocional” MI26 – “demonstra alegria”; ID6 – “apaixonada”
Afeto positivo	Afetos positivos que predominam no seu quotidiano. Regulação emocional.	MI3 – “estabilidade emocional” MI26 – “demonstra alegria”; ID6 – “apaixonada”
<b>BEP</b>		
Auto- aceitação	Atitude positiva face a si mesmo/a. Reconhecimento e aceitação de diversos aspetos de si mesmo/a. Sentimentos positivos acerca da sua vida passada.	MI14 – “pessoa que está bem consigo mesma”; ID9 – “vida sem arrependimentos”; ID16 – “acredita muito em si própria”
Relações positivas	Relações afetuosas, satisfatórias e de confiança com os outros. Preocupação com o bem-estar dos outros. Empatia, afeição e intimidade. Compreender a reciprocidade das relações humanas.	MI11 – “preocupa-se com as pessoas ao seu lado”; ID3 – “forte apoio familiar”; ID12 – “Família que ama e cuida”
Autonomi a	Autodeterminação e independência, em qualquer domínio. Resistir a pressões sociais. Autoavaliar-se a partir de padrões pessoais.	MI7 – “questiona atitudes e comportamentos”; MI28 – “Independente”; ID3 – “independência nas tarefas do dia a dia”
Domínio do ambiente	Sentido de competência e mestria na gestão do ambiente. Controlar diversidade de atividades. Fazer uso eficaz das oportunidades. Capacidade para escolher ou criar contextos apropriados às necessidades e valores pessoais.	MI23 – “arranja sempre tempo para tudo o que quer fazer”; MI6 – “responsável”; ID8 – “(trabalho) que continua a desempenhar”
Propósito na vida	Objetivos na vida. Sentido de direção. Sentido para a vida presente e passada.	MI21 – “tem planos para o futuro”; ID1 – “lutador”; ID19 – “vontade intrínseca e extrínseca para continuar a fazer coisas mesmo tendo esta idade”

**CONCEÇÕES DE JOVENS SOBRE O FUNCIONAMENTO POSITIVO DE ADULTOS DE MEIA IDADE E IDOSOS**

Crescimento pessoal	Sentido de crescimento contínuo ou de realizar o seu potencial. Abertura a novas experiências. Perceber melhorias no seu comportamento e em si.	MI2 – “tem uma vontade de continuar a aprender...”; MI7 – “realizado”; ID24 – “atingiu os seus objetivos”
Outros	Conteúdos não codificáveis nas outras categorias.	MI3 – “tem tempo livre”; ID9 – “animais de estimação que ele adora”

<sup>a</sup> Nesta coluna, MI refere-se a descritores de adultos de meia idade, e ID a descritores de idosos; o número identifica o participante que os forneceu.

**RESULTADOS**

Os participantes proporcionaram 434 descritores de 55 pessoas de meia idade e 52 idosos (Tabela 2). As pessoas de meia idade consideradas tinham uma idade média de 47.65 anos (entre 32 e 57 anos de idade), e os idosos 76.38 anos (entre 60 e 100 anos).

No seu conjunto, mais descritores foram codificados como BEP do que como BES, nas pessoas de meia idade (66% vs. 33%),  $z = -3.58$ ,  $p = .000$ , e nos idosos (56% vs. 41%),  $z = -3.08$ ,  $p = .002$ .

*Tabela 2*  
*Estatísticas descritivas das categorias usadas pelos participantes*  
*(N = 28) para descrever 55 pessoas de meia idade e 52 idosos*

Categorias / Sub-Categorias			Meia Idade				Idosos			
			Fre	%	M	DP	Fre	%	M	DP
BE S	Satisfação com a vida	Felicidade	8	3.68	.29	.66	4	1.8	.14	.45
		Trabalho Material	15	6.91	.54	.79	2	.92	.07	.26
			8	3.68	.29	.76	4	1.8	.14	.36
		Saúde	6	2.76	.21	.50	26	11.98	.93	1.09
			3	1.38	.11	.42	3	1.38	.11	.31
		Atividades	2	.92	.07	.26	8	3.68	.29	.71
		Família/amigos	12	5.53	.43	.88	12	5.53	.43	1.10
Total	54	24.88			59	27.19				
	Afetividade positiva	17	7.83	.61	.83	30	13.82	1.07	1.41	
	Total	71	32.72			89	41.01			
BE P	Autoaceitação	8	3.68	.29	.66	5	2.30	.18	.39	
		59	27.19	2.11	1.34	47	21.66	1.68	1.39	
		10	4.61	.36	.73	15	6.91	.54	.69	

Domínio do ambiente	19	8.76	.68	.86	21	9.68	.75	.97
Propósito na vida	35	16.13	1.25	1.14	27	12.44	.96	1.17
Crescimento pessoal	13	6.00	.46	.51	8	3.68	.29	.60
Total	144	66.36			123	56.68		
Outros	2	.92	.07	.26	5	2.30	.18	.39
Total	217	100			217	100		

*Nota.* BES – Bem-estar subjetivo. BEP – Bem-estar psicológico. M – Média. DP – Desvio padrão. Freq – Frequência absoluta.

Os testes de Wilcoxon indicaram diferenças significativas entre as duas etapas da vida na satisfação com o trabalho, que mais frequentemente descreveu pessoas de meia idade,  $z = -2.67$ ,  $p = .008$ , e na saúde,  $z = -3.21$ ,  $p = .001$ , e na presença de afetos positivos,  $z = -2.09$ ,  $p = .036$ , ambos mais frequentes para os idosos. Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas nas restantes categorias nem nos totais da satisfação com a vida, BES e BEP.

Considerando a satisfação com a vida, na meia idade, os descritores mais frequentes foram a satisfação com o trabalho (7%) seguida de família e amigos (6%). Os menos mencionados foram atividades (1%). Nos idosos, os descritores mais frequentes foram a saúde (12%), e depois família e amigos (6%); a satisfação com o trabalho raramente foi mencionada (1%).

Ainda no contexto do BES, a afetividade positiva foi mais usada para descrever os idosos (14%) do que as pessoas de meia idade (8%).

As relações positivas com os outros (BEP) foram a categoria mais frequente para a meia idade (21%) e idosos (22%), seguindo-se o propósito na vida (meia idade, 16%; idosos, 12%) e o domínio do ambiente (meia idade, 9%; idosos, 10%).

A autoaceitação foi a categorias de BEP menos usada para descrever pessoas de meia idade (4%) e idosos (2%), seguindo-se a autonomia na meia idade (5%) e o crescimento pessoal nos idosos (4%).

## DISCUSSÃO

O objetivo geral deste estudo foi o de examinar o ponto de vista de pessoas mais jovens sobre os critérios de funcionalidade positiva na meia idade e em idosos. Foram usadas como categorias de análise de conteúdo as dimensões do bem-estar propostas por diferentes abordagens teóricas.

Os descritores proporcionados pelos participantes foram acolhidos em categorias relacionadas com o BES (Diener, 2000) e o BEP (Ryff, 1989), mas não com o BESo (Keyes, 1998). Esta exclusão pode estar relacionada mais com uma sensibilidade maior dos próprios participantes a aspetos hedónicos e intrapessoais do bem-estar do que à relação com a sociedade (Keyes et al., 2002) devido à etapa do desenvolvimento que eles próprios estão a viver, o final da adolescência (Coleman, 2011) ou adultez emergente (Arnett, 2016). Pode também dever-se a, possivelmente, na sociedade portuguesa, ser menos valorizado um modelo de eu interdependente (típico de sociedades coletivistas) e mais um modelo de eu independente (Markus & Kitayama, 2010). Explicar-se-ia assim também a maior frequência do BEP do que do BES como critério de funcionamento positivo de ambas as etapas do ciclo de vida, resultado distinto do apresentado por Westerhof et al. (2001) em que os próprios idosos descreveram o seu bem-estar com menos características intrapessoais do que as pessoas de meia idade.

As diferenças significativas entre as duas etapas do desenvolvimento envolvem o BES, mas não o BEP. A

## CONCEÇÕES DE JOVENS SOBRE O FUNCIONAMENTO POSITIVO DE ADULTOS DE MEIA IDADE E IDOSOS

diferenciação que os jovens fazem entre critérios de funcionamento positivo de adultos de meia idade e de idosos parece sobretudo relacionada com a satisfação com o trabalho, qualidade da saúde e afetividade positiva. Os adultos de meia idade são mais frequentemente descritos pela satisfação com o trabalho, apoiando o alcançar e manter um nível profissional satisfatório como tarefa de desenvolvimento da meia idade (Havighurst, 1948). A maior frequência de critérios relacionados com a boa saúde vai no mesmo sentido que outros estudos sobre a perspectiva dos próprios idosos sobre o seu bem-estar (Cabral et al., 2013; Doume et al., 2017; Westerhof et al., 2001), sugerindo também o lidar com perdas relativas à saúde como uma tarefa de desenvolvimento central das pessoas idosas (Havighurst, 1948; Baltes et al., 2006). Por fim, a maior frequência da afetividade positiva na descrição dos idosos pode resultar de este critério oferecer uma medida mais direta e observável de que os idosos estão bem (tal como a saúde).

Coloca-se a questão de saber porque não surgem diferenças entre adultos de meia idade e idosos relativamente a dimensões do BEP, aquelas que foram mais frequentemente usadas para os descrever. Os jovens valorizam estas dimensões do funcionamento intrapessoal como critérios de bem-estar mas é possível que, dada a natureza privada desses aspetos da vida psicológica, não tenham uma perspectiva muito diferenciada em função de etapas da vida que ainda não experienciaram. Este resultado contrasta com os níveis mais elevados de propósito na vida e crescimento pessoal reportados pelos próprios de meia idade, comparativamente com os idosos, mas corrobora os níveis semelhantes nas outras dimensões do BEP (Ryff, 1989).

Encontraram-se semelhanças, mas também diferenças, na ordenação das categorias de funcionamento positivo dos adultos de meia idade e dos idosos. Em ambas as etapas, as relações positivas com os outros, seguidas do propósito na vida, são claramente as categorias mais utilizadas para descrever o funcionamento positivo. Noutros estudos, as relações interpessoais também foram consideradas centrais por pessoas vivendo estas duas etapas (Westerhof et al., 2001) e para descrever o bem-estar de outros de qualquer idade (Sastre, 1999). Adicionalmente, a existência de objetivos na vida tem sido considerada importante para o desenvolvimento adaptativo ao longo da vida e especialmente na(s) etapa(s) da vida que os participantes atravessam (adolescência e idade adulta emergente) (e.g., Cabral et al., 2013; Erikson, 1959; McAdams, 2006), o que os tornaria ainda mais disponíveis para identificar esta temática como relevante.

No entanto, nos adultos de meia idade, em terceiro lugar, teve mais relevância o domínio do ambiente (BEP) enquanto para os idosos foi a saúde (BES). Estas diferenças traduzem possivelmente o reconhecimento de diferentes tarefas de desenvolvimento para a meia idade (envolvimento ativo e competente em múltiplas atividades e na gestão da sua vida, relações com o ambiente e suas famílias) (e.g., Erikson, 1959; Havighurst, 1948) e a para os idosos (lidar com perdas na saúde) (Cabral et al., 2013; Baltes et al., 2006; Havighurst, 1948).

Atendendo à satisfação com a vida, na descrição dos idosos destaca-se a saúde e na meia idade a satisfação com o trabalho, reconhecendo-se este como uma tarefa de desenvolvimento importante desta etapa da vida (Cabral et al., 2013; Havighurst, 1948). Sublinhe-se ainda o apoio parcial à importância do envelhecimento ativo (Cabral et al., 2013), pois ao mesmo tempo que o trabalho teve menos expressão na descrição dos idosos do que na meia idade, o envolvimento noutras atividades tornou-se mais expressivo nos primeiros.

Por fim, algumas categorias previstas tiveram fraca expressão enquanto critérios de funcionamento positivo. Para além do BESo, a afetividade negativa (BES) não esteve presente, possivelmente por os participantes terem sido solicitados a caracterizar as pessoas mais adaptadas. Um único participante descreveu os idosos pelas suas perdas, como “deixa de fazer coisas que conseguia fazer” ou “prefere ficar em casa em vez de sair” (Baltes et al., 2006). No geral, os idosos foram descritos com base em aspetos positivos do seu funcionamento e no modo positivo como lidavam com as suas perdas.

## CONCLUSÕES

Globalmente, os jovens descreveram o funcionamento positivo de pessoas de meia idade e idosos de modo compatível com os modelos de BES e BEP, mas não de BESo, e com critérios em parte semelhantes nas duas etapas da vida (relações positivas, propósito na vida) e em parte distintos (e.g., trabalho para a meia idade, saúde



para os idosos). Apesar das suas limitações (e.g., pequena amostra, estudo de base qualitativa), este estudo oferece resultados promissores e que merecem ser aprofundados em investigações futuras.

## FINANCIAMENTO

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/04312/2020

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Arnett, J. J. (2016). Does emerging adulthood theory apply across social classes? National data on a persistent question. *Emerging adulthood, 4*(4), 227-235.
- Baltes, P. B., Lindenberger, U. & Staudinger, U. M. (2006). Life Span Theory in Developmental Psychology. In W. Damon & R. M. Lerner, *Handbook of Child Psychology. Vol. 1, Theoretical Models of Human Development* (pp. 569-664). Hoboken, New Jersey: Wiley.
- Bardin, L. (2008). *Análise de Conteúdo* (5th Ed.). Lisboa: Edicoes 70.
- Cabral, M. V., Ferreira, P.M., Silva, P.A., Jeronimo, P. & Marques, T. (2013). Processos de envelhecimento em Portugal: usos do tempo, redes sociais e condicoes de vida. Lisboa: Fundacao Francisco Manuel dos Santos.
- Carlquist, E., Ulleberg, P., Delle Fave, A., Nafstad, H. E., & Blakar, R. M. (2017). Everyday understandings of happiness, good life, and satisfaction: Three different facets of well-being. *Applied Research in Quality of Life, 12*(2), 481-505.
- Coleman, J. C. (2011). *The nature of adolescence* (4th Ed). New York, NY: Psychology Press.
- Diener, E. (2000). Subjective well-being: The science of happiness and a proposal for a national index. *American Psychologist, 55*, 34-43.
- Douma, L., Steverink, N., Hutter, I., & Meijering, L. (2017). Exploring subjective well-being in older age by using participant-generated word clouds. *The Gerontologist, 57*(2), 229-239.
- Durbrow, E. H., Pen, L. F., Masten, A., Sesma, A., & Williamson, I. (2001). Mothers' conceptions of child competence in contexts of poverty: The Philippines, St Vincent, and the United States. *International Journal of Behavioral Development, 25*(5), 438-443.
- Erikson, E (1959). *Identity and the Life Cycle*. New York, N.Y.: Norton.
- Havighurst, R. J. (1948). *Developmental tasks and education*. University of Chicago Press.
- Karasawa, M., Curhan, K. B., Markus, H. R., Kitayama, S. S., Love, G. D., Radler, B. T., & Ryff, C. D. (2011). Cultural perspectives on aging and well-being: A comparison of Japan and the United States. *The International Journal of Aging and Human Development, 73*(1), 73-98.
- Keyes, C. L. M. (1998). Social well-being. *Social psychology quarterly, 61*(2), 121-140.
- Keyes, C. L., Shmotkin, D., & Ryff, C. D. (2002). Optimizing well-being: the empirical encounter of two traditions. *Journal of Personality and Social Psychology, 82*(6), 1007-1022.
- Markus, H. R. & Kitayama, S. (2010). Cultures and selves. A cycle of mutual constitution. *Perspectives on Psychological Science, 5*(4), 420-430. DOI: 10.1177/1745691610375557
- Masten, A. S., & Tellegen, A. (2012). Resilience in developmental psychopathology: Contributions of the project competence longitudinal study. *Development and Psychopathology, 24*(2), 345-361.
- McAdams, D. P. (2006). The redemptive self: Generativity and the stories Americans live by. *Research in human development, 3*(2-3), 81-100.
- Ryff, C. D. (1989). Happiness is everything, or is it? Explorations on the meaning of psychological well-being. *Journal of Personality and Social Psychology, 57*(6), 1069.
- Sastre, M. T. M. (1999). Lay conceptions of well-being and rules used in well-being judgments among young, middle-aged, and elderly adults. *Social Indicators Research, 47*(2), 203-231.
- Westerhof, G. J., Dittmann-Kohli, F., & Thissen, T. (2001). Beyond life satisfaction: Lay conceptions of well-being among middle-aged and elderly adults. *Social Indicators Research, 56*(2), 179-203.

